

MARCO ANTONIO VILLA

A

HISTÓRIA

EM

DISCURSOS

50 DISCURSOS

QUE MUDARAM

O BRASIL E O MUNDO

CRÍTICA

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

# SUMÁRIO

|                        |     |
|------------------------|-----|
| APRESENTAÇÃO           | 7   |
| PÉRICLES               | 9   |
| SÓCRATES               | 16  |
| MARCO ANTÔNIO          | 22  |
| MARCO TÚLIO CÍCERO     | 31  |
| SANTO AGOSTINHO        | 38  |
| SÃO JOÃO CRISÓSTOMO    | 44  |
| LOURENÇO DE MÉDICI     | 49  |
| UM ANTIGO SÁBIO ASTECA | 53  |
| PADRE ANTÔNIO VIEIRA   | 58  |
| MAXIMILIEN ROBESPIERRE | 65  |
| THOMAS JEFFERSON       | 69  |
| FREI CANECA            | 75  |
| SIMÓN BOLÍVAR          | 83  |
| LORD BYRON             | 91  |
| ALEXIS DE TOCQUEVILLE  | 98  |
| VICTOR HUGO            | 103 |
| ABRAHAM LINCOLN        | 111 |
| ANTERO DE QUENTAL      | 113 |
| FRIEDRICH ENGELS       | 118 |
| JOAQUIM NABUCO         | 122 |
| SILVA JARDIM           | 129 |
| WILLIAM JENNINGS BRYAN | 136 |

|                           |     |
|---------------------------|-----|
| SÍLVIO ROMERO             | 143 |
| RICARDO FLORES MAGÓN      | 150 |
| ORTEGA Y GASSET           | 156 |
| RUI BARBOSA               | 161 |
| VLADIMIR ILICH LÊNIN      | 169 |
| BENITO MUSSOLINI          | 176 |
| GETÚLIO VARGAS            | 182 |
| FRANKLIN DELANO ROOSEVELT | 188 |
| FRANCISCO FRANCO          | 195 |
| FRANCISCO CAMPOS          | 199 |
| WINSTON CHURCHILL         | 205 |
| CHARLES DE GAULLE         | 209 |
| ADOLF HITLER              | 212 |
| MAHATMA GANDHI            | 221 |
| JUAN DOMINGO PERÓN        | 226 |
| THOMAS MANN               | 231 |
| HO CHI MINH               | 235 |
| AFONSO ARINOS             | 240 |
| NIKITA KRUSCHEV           | 249 |
| MAO TSÉ-TUNG              | 257 |
| PATRICE LUMUMBA           | 263 |
| JOHN KENNEDY              | 268 |
| CARLOS LACERDA            | 274 |
| FIDEL CASTRO              | 279 |
| MARTIN LUTHER KING        | 287 |
| ULYSSES GUIMARÃES         | 294 |
| VLÁCAV HAVEL              | 303 |
| MIKHAIL GORBACHEV         | 310 |
| <br>                      |     |
| BIBLIOGRAFIA              | 315 |

# APRESENTAÇÃO

Toda seleção é arbitrária. Procurei fugir do lugar-comum. Trazer ao leitor discursos pouco conhecidos, mas que tiveram importância no momento histórico em que foram proferidos. O foco são aqueles pronunciamentos que contêm valores e ideias ainda presentes no mundo contemporâneo. Não há nenhum sentido valorativo ou de concordância com os temas tratados. É um amplo painel fundamentalmente sobre a política e sua relação com o cidadão ao longo da história.

Os textos estão apresentados seguindo uma ordem cronológica. Não há separação por países ou por continentes. Ao contrário, o intuito é que o leitor note o processo de circulação das ideias e de como passam a ter conexão com uma determinada conjuntura e adquirem vida própria.

Os discursos selecionados foram pronunciados em momentos de intensa disputa política. Não economizam no duro confronto de ideias. Raramente o objetivo é a conciliação. Demonstram que o franco debate possibilita melhor compreender uma determinada conjuntura política e apresentar caminhos alternativos.

É inegável a beleza plástica da maioria dos discursos. Isso não leva ao ocultamento das ideias. Há uma combinação entre a exposição e a mensagem, tanto na fala política como na religiosa. Ambas exibem uma visão de mundo, um conjunto de valores, que estão presentes na contemporaneidade.

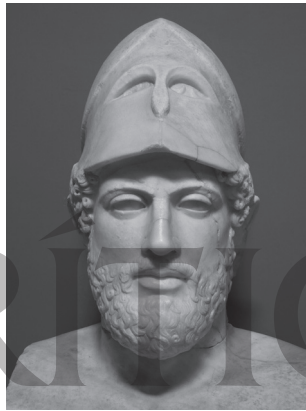
Cada discurso pode permitir uma reflexão sobre o Brasil. Vivemos tempos sombrios – outros países, retratados neste livro, também passaram por momentos difíceis. O desafio é encontrar caminhos que superem uma conjuntura crítica. Há um processo constante de mudança. E – ainda bem – sem um ponto-final definido.

*Marco Antonio Villa*

# CRÍTICA

# PÉRICLES<sup>1</sup>

**NOSSA CIDADE É A ESCOLA DE TODA A HÉLADE.<sup>2</sup>**



São conhecidos somente três discursos de Péricles – e todos atribuídos a ele pelo historiador Tucídides. Neste, ele define a especificidade de Atenas no mundo grego. Acentua a importância basilar da democracia e de sua importância para a vida e a prosperidade da cidade. Destaca que o discurso (o debate) não obstrui a prática (a ação), ao contrário, qualifica a decisão tomada.

Muitos dos que me precederam neste lugar fizeram elogios ao legislador, que acrescentou um discurso à cerimônia usual nestas circunstâncias, considerando justo celebrar também com palavras os mortos na guerra em seus funerais. A mim, todavia, ter-me-ia parecido suficiente, tratando-se

1. Péricles (ca. 495-429 a.C.). Estratega de Atenas.

2. Oração fúnebre no primeiro ano da Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.). Todos os títulos dos discursos são meus, e não dos autores.

de homens que se mostraram valorosos em atos, manifestar apenas com atos as honras que lhes prestamos – honras como as que hoje presenciastes nesta cerimônia fúnebre oficial – em vez de deixar o reconhecimento do valor de tantos homens na dependência do maior ou menor talento oratório de um só homem. É de fato difícil falar com propriedade numa ocasião em que não é possível aquilatar a credibilidade das palavras do orador. O ouvinte bem-informado e disposto favoravelmente pensará talvez que não foi feita a devida justiça em face de seus próprios desejos e de seu conhecimento dos fatos, enquanto outro menos informado, ouvindo falar de um feito além de sua própria capacidade, será levado pela inveja a pensar em algum exagero. De fato, elogios a outras pessoas são toleráveis somente até onde cada um se julga capaz de realizar qualquer dos atos cuja menção está ouvindo; quando vão além disso, provocam a inveja, e com ela a incredulidade. Seja como for, já que os nossos antepassados julgaram boa essa prática também devo obedecer à lei, e farei o possível para corresponder à expectativa e às opiniões de cada um de vós.

Falarei primeiro de nossos antepassados, pois é justo e ao mesmo tempo conveniente, numa ocasião como esta, dar-lhes este lugar de honra rememorando os seus feitos. Na verdade, perpetuando-se em nossa terra através de gerações sucessivas, eles, por seus méritos, no-la transmitiram livre até hoje. Se eles são dignos de elogios, nossos pais o são ainda mais, pois aumentando a herança recebida, constituíram o império que agora possuímos e a duras penas nos deixaram este legado, a nós que estamos aqui e o temos. Nós mesmos aqui presentes, muitos ainda na plenitude de nossas forças, contribuimos para fortalecer o império sob vários aspectos, e demos à nossa cidade todos os recursos, tornando-a autossuficiente na paz e na guerra. Quanto a isso, quer se trate de feitos militares que nos proporcionaram essa série de conquistas,

*Vivemos sob uma forma de governo que não se baseia nas instituições de nossos vizinhos; ao contrário, servimos de modelo a alguns em vez de imitar outros. Seu nome, como tudo depende não de poucos, mas da maioria, é democracia.*

ou das ocasiões em que nós ou nossos pais nos empenhamos em repelir as investidas guerreiras tanto bárbaras quanto helênicas, pretendo silenciar, para não me tornar repetitivo aqui diante de pessoas às quais nada teria a ensinar. Mencionarei inicialmente os princípios de conduta, o regime de governo e os traços de caráter graças aos quais conseguimos chegar à nossa posição atual, e depois farei o elogio desses homens, pois penso que no momento presente essa exposição não será imprópria e que todos vós aqui reunidos, cidadãos e estrangeiros, podereis ouvi-la com proveito.

Vivemos sob uma forma de governo que não se baseia nas instituições de nossos vizinhos;<sup>3</sup> ao contrário, servimos de modelo a alguns em vez de imitar outros. Seu nome, como tudo depende não de poucos, mas da maioria, é democracia. Nela, no tocante às leis, todos são iguais para a solução de suas divergências privadas, quando se trata de escolher (se é preciso distinguir em qualquer setor), não é o fato de pertencer a uma classe, mas o mérito, que dá acesso aos postos mais honrosos; inversamente, a pobreza não é razão para que alguém, sendo capaz de prestar serviços à cidade, seja impedido de fazê-lo pela obscuridade de sua condição. Conduzimo-nos liberalmente em nossa vida pública, e não observamos com uma curiosidade suspicaz a vida privada de nossos concidadãos, pois não nos ressentimos com nosso vizinho se ele age como lhe apraz, nem o olhamos com ares de reprovação que, embora inócuos, lhe causariam desgosto. Ao mesmo tempo que evitamos ofender os outros em nosso convívio privado, nos afastamos da ilegalidade em nossa vida pública sobretudo devido a um temor reverente, pois somos submissos às autoridades e às leis, em especial àquelas promulgadas para socorrer os oprimidos e às que, embora não escritas, trazem aos transgressores uma desonra visível a todos.

Instituímos muitos entretenimentos para o alívio da mente fatigada; temos concursos, temos festas religiosas regulares ao longo de todo o ano, e nossas casas são arrançadas com bom gosto e elegância, e o deleite que isso nos traz todos os dias afasta de nós a tristeza. Nossa cidade é tão importante que os produtos de todas as terras fluem para nós, e ainda temos

---

3. Alusão aos espartanos, cujas instituições teriam sido copiadas de Creta; veja-se Aristóteles, *Política*.



a sorte de colher os bons frutos de nossa própria terra com certeza de prazer não menor que o sentido em relação aos produtos de outras.

Somos também superiores aos nossos adversários em nosso sistema de preparação para a guerra nos seguintes aspectos: em primeiro lugar, mantemos nossa cidade aberta a todo o mundo e nunca, por atos discriminatórios, impedimos alguém de conhecer e ver qualquer coisa que, não estando oculta, possa ser vista por um inimigo e ser-lhe útil. Nossa confiança se baseia menos em preparativos e estratégias que em nossa bravura no momento de agir. Na educação, ao contrário de outros que impõem desde a adolescência exercícios penosos para estimular a coragem,<sup>4</sup> nós, com nossa maneira liberal de viver, enfrentamos pelo menos tão bem quanto eles perigos comparáveis. Eis a prova disso: os lacedemônios<sup>5</sup> não vêm sós quando invadem nosso território, mas trazem com eles todos os seus aliados, enquanto

nós, quando atacamos o território de nossos vizinhos, não temos maiores dificuldades, embora combatendo em terra estrangeira, em levar frequentemente a melhor. Jamais nossas forças se engajaram todas juntas contra um inimigo, pois aos cuidados com a frota se soma em terra o envio de contingentes nossos contra

numerous objetivos; se os lacedemônios por acaso travam combate com uma parte de nossas tropas e derrotam uns poucos soldados nossos, vangloriam-se de haver repellido todas as nossas forças; se, todavia, a vitória é nossa, queixam-se de ter sido vencidos por todos nós. Se, portanto, levando nossa vida amena em vez de recorrer a exercícios extenuantes, e

*[...] no tocante às leis todos são iguais para a solução de suas divergências privadas, quando se trata de escolher [...] não é o fato de pertencer a uma classe, mas o mérito, que dá acesso aos postos mais honrosos; inversamente, a pobreza não é razão para que alguém, sendo capaz de prestar serviços à cidade, seja impedido de fazê-lo pela obscuridade de sua condição.*

4. Alusão à educação espartana.

5. Os espartanos.

confiantes em uma coragem que resulta mais de nossa maneira de viver que da compulsão das leis, estamos sempre dispostos a enfrentar perigos, a vantagem é toda nossa, porque não nos perturbamos antecipando desgraças ainda não existentes e, chegado o momento da provação, demonstramos tanta bravura quanto aqueles que estão sempre sofrendo; nossa cidade, portanto, é digna de admiração sob esses aspectos e muitos outros.

Somos amantes da beleza sem extravagâncias e amantes da filosofia sem indolência. Usamos a riqueza mais como uma oportunidade para agir que como um motivo de vanglória; entre nós não há vergonha na pobreza, mas a maior vergonha é não fazer o possível para evitá-la. Ver-se-á em uma mesma pessoa ao mesmo tempo o interesse em atividades privadas e públicas, e em outros entre nós que dão atenção principalmente aos negócios não se verá falta de discernimento em assuntos políticos, pois olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil; nós, cidadãos atenienses, decidimos as questões públicas por nós mesmos, ou pelo menos nos esforçamos por compreendê-las claramente, na crença de que não é o debate que é empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação. Consideramo-nos ainda superiores aos outros homens em outro ponto: somos ousados para agir, mas ao mesmo tempo gostamos de refletir sobre os riscos que pretendemos correr; para outros homens, ao contrário, ousadia significa ignorância, e reflexão traz hesitação. Deveriam ser justamente considerados mais corajosos aqueles que, percebendo claramente tanto os sofrimentos quanto as satisfações inerentes a uma ação, nem por isso recuam diante do perigo. Mais ainda: em nobreza de espírito contrastamos com a maioria, pois não é por receber favores, mas por fazê-los, que adquirimos amigos. De fato, aquele que faz o favor é um amigo mais seguro, por estar disposto, devido à constante benevolência para com o beneficiado, a manter vivo nele o sentimento de gratidão. Em contraste, aquele que deve é mais negligente em sua amizade, sabendo que a sua generosidade, em vez de lhe trazer reconhecimento, apenas quitará uma dívida. Enfim, somente nós ajudamos os outros sem temer as consequências, não por mero cálculo de vantagens que obteríamos, mas pela confiança inerente à liberdade.

Em suma, digo que nossa cidade, em seu conjunto, é a escola de toda a Hélade<sup>6</sup> e que, segundo me parece, cada homem entre nós poderia, por sua personalidade própria, mostrar-se autossuficiente nas mais variadas formas de atividade, com a maior elegância e naturalidade. E isso não é mero ufanismo inspirado pela ocasião, mas a verdade real, atestada pela força de nossa cidade, adquirida em consequência dessas qualidades. Com efeito, só Atenas entre as cidades contemporâneas se mostra superior à sua reputação quando posta à prova, e só ela jamais suscitou irritação nos inimigos que a atacaram, ao verem o autor de sua desgraça, ou o protesto de seus súditos porque um chefe indigno os comanda. Já demos muitas provas de nosso poder, e certamente não faltam testemunhos disso; seremos portanto admirados não somente pelos homens de hoje, mas também do futuro. Não necessitamos de um Homero para cantar nossas glórias, nem de qualquer outro poeta cujos versos poderão talvez deleitar no momento, mais que verão a sua versão dos fatos desacreditada pela realidade. Compelimos todo o mar e toda a terra a dar passagem à nossa audácia, e em toda parte plantamos monumentos imorredouros dos males e dos bens que fizemos. Essa, então, é a cidade pela qual esses homens lutaram e morreram nobremente, considerando seu dever não permitir que ela lhes fosse tomada; é natural que todos os sobreviventes, portanto, aceitem de bom grado sofrer por ela.

Falei detidamente sobre a cidade para mostrar-vos que estamos lutando por um prêmio maior que o daqueles cujo gozo de tais privilégios não é comparável ao nosso, e ao mesmo tempo para provar de forma cabal que os homens em cuja honra estou falando agora merecem os nossos elogios. Quanto a eles, muita coisa já foi dita, pois quando louvei a cidade estava

---

6. A Grécia.

*Nós, cidadãos atenienses, decidimos as questões públicas por nós mesmos, ou pelo menos nos esforçamos por compreendê-las claramente, na crença de que não é o debate que é empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação.*

de fato elogiando os feitos heroicos com que esses homens e outros iguais a eles a glorificaram; e não há muitos helenos cuja fama esteja como a deles tão exatamente adequada a seus feitos. Parece-me ainda que uma morte como a desses homens é prova total de máscula coragem, seja como seu primeiro indício, seja como sua confirmação final. Mesmo que para alguns menos louváveis por outros motivos, a bravura comprovada na luta por sua pátria deve com justiça sobrepor-se ao resto; eles compensaram o mal com o bem e saldaram as falhas na vida privada com a dedicação ao bem comum. [...]

Aqui termino o meu discurso, no qual, de acordo com o costume, falei o que me pareceu adequado; quanto aos fatos, os homens que viemos sepultar já receberam as nossas homenagens e seus filhos serão, de agora em diante, educados a expensas da cidade até a adolescência; assim oferecemos aos mortos e a seus descendentes uma valiosa coroa como prêmio por seus feitos, pois onde as recompensas pela virtude são maiores, ali se encontram melhores cidadãos. Agora, depois de cada um haver chorado devidamente os seus mortos, ide embora.<sup>7</sup>

---

7. In: Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, pp. 97-102.